



## Educação Financeira e Comportamento de Consumo: Um Estudo com Alunos do Ensino Fundamental II

### *Financial Education and Consumer Behavior: A Study with Lower Secondary School Students*

**Raimundo Nonato dos Santos Filho**

*Graduando do Curso de Ciências Contábeis do Centro Universitário de Ensino de Superior Franciscano - UNIESF.*

**Delza Abreu Silva**

*Professora. Mestre em Auditoria Contábil, Especialista em Controladoria, Auditoria e Perícia Contábil, Especialista em Direito Público e Bacharel em Ciências Contábeis.*

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar o conhecimento dos alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental sobre educação financeira e compreender de que forma esse conhecimento se reflete em seus hábitos de consumo. A pesquisa caracteriza-se como uma investigação de campo, realizada em ambiente escolar, com abordagem qualitativa, por meio da aplicação de instrumentos que permitiram identificar percepções, comportamentos e práticas relacionadas ao uso do dinheiro. Os resultados evidenciaram que, embora os estudantes estejam constantemente inseridos em uma sociedade de consumo, muitos apresentam dificuldades em diferenciar necessidades e desejos, bem como em compreender conceitos básicos de planejamento financeiro. Observou-se ainda a forte influência da mídia e do contexto social sobre as decisões de consumo dos discentes. A partir desses dados, foi elaborada uma proposta de intervenção pedagógica baseada em metodologias ativas, visando estimular o consumo consciente, o planejamento e a responsabilidade financeira. Conclui-se que a educação financeira no ambiente escolar é fundamental para a formação cidadã, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes mais críticas, conscientes e responsáveis em relação ao consumo e ao uso do dinheiro.

**Palavras-chave:** consumo consciente; educação financeira; ensino fundamental; planejamento financeiro; responsabilidade social.

**Abstract:** This study aims to analyze the knowledge of students from the 5th to the 9th grade of elementary school regarding financial education and to understand how this knowledge is reflected in their consumption habits. The research is characterized as a field study, conducted in a school environment, with a qualitative approach, using instruments that allowed the identification of perceptions, behaviors, and practices related to money management. The results showed that, although students are constantly exposed to a consumer society, many have difficulties distinguishing needs from wants and understanding basic financial planning concepts. A strong influence of media and social context on students' consumption decisions was also observed. Based on these findings, a pedagogical intervention proposal was developed using active methodologies to encourage conscious consumption, planning, and financial responsibility. It is concluded that financial education in the school environment is essential for citizenship education, contributing to the development of more critical, conscious, and responsible attitudes toward consumption and money management.

**Keywords:** conscious consumption; elementary education; financial education; financial planning; social responsibility.

## INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, mesmo com tanta informação disponível, lidar bem com o próprio dinheiro ainda é um desafio para muitas pessoas. Vivemos em uma sociedade rápida, imediatista e consumista, onde tudo parece precisar ser resolvido “para ontem”. Isso faz com que muitas pessoas deixem de planejar e agir com disciplina, pontos essenciais para manter uma vida financeira equilibrada. Como destaca Dantas (2017), administrar os recursos pessoais, que antes era algo aprendido em casa ou pela experiência, tornou-se uma tarefa mais difícil e ao mesmo tempo muito importante.

Essa dificuldade se intensifica porque estamos o tempo todo expostos à publicidade e contamos com um acesso cada vez mais fácil ao crédito. Esses fatores estimulam compras por impulso e fazem com que troquemos produtos com frequência, muitas vezes por causa da obsolescência programada. Dessa forma, o dinheiro deixa de ser apenas um meio de compra e passa a ter um papel central em nossas escolhas e no funcionamento da sociedade (Quinta, Pacheco, 2018). Por isso, é essencial que desde cedo as pessoas aprendam a usar o dinheiro de forma responsável e desenvolvam uma visão crítica sobre seus hábitos de consumo.

A Educação Financeira se insere, neste cenário, como uma resposta pedagógica estratégica. Seu objetivo principal é auxiliar e preparar os alunos para adquirir habilidades e hábitos de consumo consciente, planejado e eticamente responsável. Mais do que apenas ensinar a economizar, o processo deve levar o estudante a entender a profunda correlação entre o consumo, o endividamento e a realização pessoal. Trata-se de um processo de empoderamento, onde o uso responsável do dinheiro visa a capacidade de poupar não apenas para o futuro distante, mas para a realização de projetos pessoais e para a conquista da autonomia ao longo da vida (Carrara, 2017).

Tendo isso em vista, este trabalho volta-se para os alunos do Ensino Fundamental II (5º ao 9º ano). Essa é uma fase marcada por mudanças importantes: os jovens começam a ter mais contato com o dinheiro, fazem escolhas de consumo por conta própria e são fortemente influenciados por amigos e pelas tendências do mercado.

A importância deste estudo está em investigar: Como os alunos do 5º ao 9º ano do Colégio Objetivo entendem e administram seus recursos financeiros? E de que forma esse conhecimento influencia nas escolhas de consumo e no modo de vida deles?

A Educação Financeira, quando trabalhada desde cedo, contribui para formar cidadãos mais críticos, conscientes e responsáveis (Scolari, Grando, 2016). Este projeto, mais do que coletar dados, propõe uma intervenção pedagógica que pretende transformar a relação dos alunos com o dinheiro, impactando positivamente suas atitudes dentro e fora da escola. Assim, reforça-se o papel da instituição escolar como agente importante na construção de uma sociedade mais consciente.

O Objetivo Geral do estudo é analisar o que os alunos do 5º ao 9º ano sabem sobre educação financeira e como isso se reflete em seus hábitos de consumo. Para isso, os Objetivos Específicos são: identificar o conhecimento dos alunos sobre finanças pessoais; compreender seus hábitos de consumo dentro e fora da escola; verificar a relação entre o nível de conhecimento financeiro dos alunos e suas atitudes frente ao consumo consciente; e promover atividades educativas que incentivem uma postura crítica e responsável em relação ao uso do dinheiro.

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de natureza descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, cujo objetivo foi analisar o nível de conhecimento dos alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental sobre educação financeira e a forma como esse conhecimento se reflete em seus hábitos de consumo. A escolha pela pesquisa de campo justifica-se pela necessidade de coletar dados diretamente junto aos sujeitos envolvidos, possibilitando uma compreensão mais próxima da realidade estudada.

## EDUCAÇÃO FINANCEIRA, CIDADANIA E CONSUMO NA SOCIEDADE

### A Educação Financeira nas Escolas: Panorama Nacional e Realidade Local

A Educação Financeira (EF) tem se consolidado como uma temática essencial no ambiente escolar brasileiro, sobretudo diante das transformações econômicas e sociais que caracterizam a sociedade contemporânea. O crescimento do consumo, aliado à facilidade de acesso ao crédito e à intensificação das estratégias de marketing, tem impactado diretamente o comportamento financeiro de crianças e adolescentes, tornando urgente a inserção sistemática desse conteúdo na educação básica. Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a relevância do tema ao estabelecer a educação financeira como conteúdo transversal, a ser trabalhado de forma integrada entre os diferentes componentes curriculares, com destaque para a Matemática, mas também articulada às Ciências Humanas e à formação cidadã (Janisch, Jelinek, 2020).

Em nível nacional, a proposta de inserção da educação financeira nas escolas busca ir além do ensino restrito de conceitos matemáticos, como juros, porcentagens e cálculos financeiros. O objetivo central consiste no desenvolvimento de competências que permitam aos estudantes compreender a relação entre consumo, planejamento, poupança e tomada de decisão ao longo da vida. Nesse sentido, Silva *et al.* (2017) ressaltam a diferença entre alfabetização financeira e educação financeira, destacando que, enquanto a primeira está associada ao domínio técnico de conceitos básicos, a segunda envolve atitudes, comportamentos e valores que impactam diretamente a qualidade de vida dos indivíduos.

A introdução da educação financeira no ensino fundamental contribui significativamente para o desenvolvimento de uma postura mais crítica frente ao consumo. Quintana e Pacheco (2018) observam que estudantes que têm contato com conteúdos relacionados à educação financeira demonstram maior capacidade de refletir sobre suas escolhas, diferenciando necessidades de desejos e reconhecendo as consequências do consumo impulsivo.

Dessa forma, a escola passa a atuar como espaço privilegiado para a construção de uma relação mais equilibrada com o dinheiro, especialmente em um contexto social marcado pela valorização da satisfação imediata. Scolari e Grando (2016) defendem que propostas desenvolvidas no ensino fundamental precisam considerar a realidade dos alunos, utilizando metodologias ativas, como jogos, simulações, resolução de problemas e estudos de caso, que aproximem o conteúdo financeiro do cotidiano dos estudantes. Esse tipo de abordagem favorece a compreensão dos conceitos e contribui para a internalização de comportamentos financeiros mais responsáveis.

Leis Silva *et al.* (2021) demonstram que jovens que tiveram acesso a orientações financeiras apresentam maior tendência ao planejamento, à poupança e à reflexão antes da tomada de decisões de consumo. Da mesma forma, Marques *et al.* (2025), ao analisar experiências nos anos finais do ensino fundamental no estado de São Paulo, indicam que a presença da educação financeira no currículo contribui para o desenvolvimento da autonomia financeira e para a redução de práticas de consumo impulsivo entre os estudantes.

No contexto regional, observa-se que cidades como São Luís e Paço do Lumiar vêm apresentando avanços graduais na inclusão da educação financeira no ambiente educacional, ainda que de forma desigual entre as redes de ensino. Em São Luís, instituições privadas como o Colégio SESI São Luís e o Colégio Literato destacam-se por desenvolver projetos contínuos que integram a educação financeira ao currículo desde as etapas iniciais da escolarização. Essas iniciativas permitem que os estudantes construam, de maneira progressiva, noções de planejamento, consumo consciente e organização financeira, favorecendo a internalização desses conceitos ao longo do tempo e contribuindo para a formação de hábitos financeiros mais sólidos.

Além das escolas, outras instituições também colaboram para a disseminação da educação financeira na capital maranhense, como a Escola do Legislativo do Maranhão, que oferece cursos abertos à comunidade, ampliando o alcance do tema para além do espaço escolar formal. Em Paço do Lumiar, embora as iniciativas ainda sejam mais pontuais, observa-se a presença de escolas privadas que desenvolvem ações educativas voltadas ao consumo consciente e ao planejamento financeiro, indicando um movimento inicial de valorização da temática no município.

Nesse cenário, a escola assume um papel estratégico ao democratizar o acesso ao conhecimento financeiro, especialmente para estudantes que não recebem esse tipo de orientação no ambiente familiar. Ao integrar a educação financeira ao currículo escolar, a instituição contribui para a formação de sujeitos mais críticos, autônomos e preparados para lidar com as exigências econômicas

da vida adulta. A educação financeira nas escolas configura-se como uma política educativa de caráter preventivo e formativo, fundamental para a construção de uma sociedade mais consciente, responsável e economicamente equilibrada.

## **A Cidadania no Ambiente Escolar: Formação Crítica e Responsabilidade Social**

A cidadania no ambiente escolar está diretamente relacionada à formação integral do estudante, envolvendo o desenvolvimento de valores, atitudes e competências que possibilitem a participação ativa, crítica e responsável na sociedade. Nesse contexto, a Educação Financeira articula-se de forma significativa com a educação para a cidadania, ao promover reflexões sobre responsabilidade, ética, direitos e deveres associados às escolhas econômicas e às práticas de consumo. Ao compreender o uso consciente do dinheiro, o aluno passa a reconhecer que suas decisões financeiras extrapolam o âmbito individual, produzindo impactos sociais, econômicos e ambientais.

A escola, enquanto espaço privilegiado de socialização e construção do conhecimento, desempenha papel fundamental na mediação dessas reflexões. Ao abordar conteúdos relacionados à administração das finanças pessoais, o ambiente escolar contribui para que os estudantes compreendam noções básicas de organização financeira, planejamento e controle de gastos, elementos essenciais para o exercício da cidadania na vida adulta (Borges, 2014). A aprendizagem sobre finanças pessoais no contexto escolar favorece o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da capacidade de tomar decisões mais conscientes frente às demandas do consumo.

Além disso, a escola possibilita que os alunos compreendam o funcionamento da sociedade de consumo e os mecanismos que influenciam suas decisões, como a publicidade, o marketing e as relações de mercado. Conforme destacam Brønstrup e Becker (2016), ao investigar a educação financeira em uma escola privada de ensino fundamental, a inserção sistemática do tema no currículo contribuiu para ampliar o senso crítico dos alunos, permitindo que identificassem estratégias de persuasão presentes nas propagandas e refletissem sobre suas próprias práticas de consumo. Esse processo fortalece a autonomia dos estudantes e os protege de comportamentos impulsivos e de práticas abusivas de mercado.

A formação cidadã no ambiente escolar não se limita à transmissão de conteúdos teóricos, mas envolve práticas pedagógicas que estimulem o diálogo, a problematização e a análise das consequências das escolhas individuais e coletivas. Carrara (2017) enfatiza que a educação financeira, quando trabalhada de forma contextualizada no ensino fundamental, favorece o consumo consciente e contribui para que os alunos compreendam a relação entre desejos, necessidades e limites financeiros. Assim, o estudante passa a perceber o dinheiro como um recurso finito, que exige planejamento e responsabilidade em seu uso.

Nesse sentido, atividades pedagógicas que abordam temas como orçamento familiar, planejamento financeiro, consumo consciente e impacto social do consumo

tornam-se fundamentais para a construção da cidadania. Coladeli *et al.* (2014) destacam que o comportamento do consumidor é diretamente influenciado pelo nível de conhecimento financeiro, sendo comum que a falta de orientação resulte em decisões impulsivas e endividamento. Ao trabalhar essas questões no ambiente escolar, cria-se um espaço de prevenção, no qual os alunos aprendem a avaliar consequências e a adotar posturas mais responsáveis frente ao mercado de bens e serviços.

Ao refletir sobre a origem dos produtos, as condições de trabalho envolvidas em sua produção e os impactos ambientais decorrentes do consumo excessivo, os estudantes desenvolvem uma visão mais ampla e crítica sobre o papel do consumidor na sociedade. Dantas (2017) ressalta que a educação financeira aliada ao consumo consciente contribui para a formação de sujeitos capazes de questionar práticas de desperdício e de adotar comportamentos mais sustentáveis no cotidiano.

Dessa forma, a educação financeira amplia seu alcance ao deixar de ser compreendida apenas como um conteúdo econômico e passar a integrar a formação cidadã dos estudantes. Ao promover a reflexão sobre escolhas financeiras responsáveis, a escola contribui para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e consciente, na qual o exercício da cidadania se manifesta também nas práticas de consumo, no respeito aos limites financeiros e na responsabilidade social diante das decisões individuais e coletivas.

## O Consumo Sob a Ótica dos Discentes do Ensino Fundamental II

O consumo exerce forte influência sobre a vida dos estudantes do Ensino Fundamental II, etapa marcada por intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais. Nesse período, os adolescentes começam a exercer maior autonomia em suas escolhas, inclusive no que se refere ao uso do dinheiro, ao mesmo tempo em que se tornam mais suscetíveis à influência do grupo de pares, da mídia e das tendências de mercado (Silva *et al.*, 2018).

Para muitos discentes, o consumo está associado à construção da identidade e ao sentimento de pertencimento social. O dinheiro, nesse contexto, pode assumir um valor simbólico, funcionando como meio de inclusão ou diferenciação entre os grupos. Vieira *et al.* (2011) apontam que, sem orientação adequada, esse significado social do consumo pode levar a comportamentos impulsivos e à dificuldade de estabelecer prioridades financeiras.

A cultura contemporânea, marcada pela valorização da satisfação imediata e pela rápida obsolescência dos bens, reforça esse comportamento. O desejo constante por novidades, estimulado pela publicidade e pelas redes sociais, dificulta o desenvolvimento do planejamento e do autocontrole, elementos fundamentais para a maturidade financeira. Dessa forma, a Educação Financeira torna-se essencial para auxiliar os alunos a compreenderem a diferença entre necessidade e desejo, bem como entre preço e valor (Coladeli *et al.*, 2014).

Sob a ótica dos discentes, o consumo tende a ocorrer de maneira espontânea e pouco planejada, especialmente quando não há acompanhamento familiar ou

escolar. Nesse sentido, a escola desempenha papel fundamental ao oferecer experiências práticas que possibilitem a reflexão sobre as consequências das escolhas de consumo. Metodologias ativas, como jogos, simulações, estudos de caso e projetos interdisciplinares, aproximam o conteúdo da realidade dos estudantes e favorecem a internalização dos conceitos trabalhados (Scolari, Grando, 2016).

Quando esse processo educativo é articulado com o contexto familiar, os resultados tornam-se ainda mais significativos, pois os alunos passam a aplicar no cotidiano os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Assim, analisar o consumo sob a perspectiva dos discentes permite compreender como os jovens constroem sua relação com o dinheiro e reforça a importância de intervenções pedagógicas contínuas que promovam escolhas mais conscientes, responsáveis e alinhadas a projetos de vida futuros.

## **OS HÁBITOS FINANCEIROS DO ENSINO FUNDAMENTAL II: ANÁLISE DO CONHECIMENTO E DA RELAÇÃO DE CONSUMO DOS ALUNOS DO COLÉGIO OBJETIVO**

A Educação Financeira (EF) tem se consolidado como uma área de extrema relevância no contexto escolar, especialmente diante das transformações econômicas e sociais que caracterizam a sociedade contemporânea. O aumento do consumo, a presença constante de estímulos publicitários e o fácil acesso ao crédito têm influenciado o comportamento financeiro de crianças e adolescentes, tornando essencial o desenvolvimento de competências relacionadas ao manejo responsável dos recursos pessoais desde as etapas iniciais da vida escolar (Silva *et al.*, 2018).

Neste cenário, a Educação Financeira vai além da simples instrução sobre economia ou cálculos matemáticos: ela busca promover a compreensão das relações entre dinheiro, consumo, poupança e investimento, estimulando o pensamento crítico e a tomada de decisões conscientes. A escola, portanto, assume um papel central, pois é capaz de proporcionar um ambiente seguro e orientado para que os alunos compreendam os impactos de suas escolhas financeiras no curto, médio e longo prazo (Carrara, 2017).

O Ensino Fundamental II, abrangendo do 5º ao 9º ano, representa uma fase particularmente estratégica para a implementação de programas de Educação Financeira. Nesse período, os estudantes passam por importantes transformações cognitivas, sociais e emocionais, tornando-se mais independentes em relação às decisões de consumo e mais suscetíveis à influência do grupo de pares, da mídia e das tendências de mercado. Com isso, a aquisição de hábitos financeiros saudáveis pode ser determinante para a formação de uma relação equilibrada com o dinheiro, prevenindo práticas de consumo impulsivo e endividamento precoce (Scolari, Grando, 2016).

Dessa forma, iremos analisar os hábitos financeiros dos alunos do Ensino Fundamental II do Colégio Objetivo, considerando tanto o conhecimento sobre

Educação Financeira quanto os padrões de consumo e a relação com o dinheiro. A investigação baseia-se na aplicação de 138 questionários, que permitiram coletar informações detalhadas sobre atitudes, percepções, comportamentos e desafios enfrentados pelos estudantes na administração de seus recursos.

A amostra analisada é composta por 138 alunos do Ensino Fundamental II do Colégio Objetivo, uma instituição de ensino particular, situada em uma região que combina diferentes perfis socioeconômicos. A caracterização sociodemográfica é essencial para compreender o contexto no qual os estudantes desenvolvem seus hábitos financeiros, uma vez que fatores como estrutura familiar, acesso a recursos e suporte educacional influenciam diretamente o conhecimento e o comportamento em relação ao dinheiro (Quintana; Pacheco, 2018).

Do ponto de vista do gênero, a amostra inclui 76 alunas do sexo feminino e 62 alunos do sexo masculino, indicando uma leve predominância de estudantes do sexo feminino, o que permite observar possíveis diferenças de comportamento financeiro entre meninos e meninas. As idades variam entre 11 e 15 anos, distribuídas de forma heterogênea: 11 anos (20 alunos), 12 anos (35 alunos), 13 anos (35 alunos), 14 anos (28 alunos) e 15 anos (20 alunos). Essa diversidade etária reflete a transição gradual da infância para a adolescência, período em que os alunos começam a lidar com maior autonomia financeira, como a administração de mesada, pequenas compras e planejamento de gastos (Carrara, 2017).

Quanto à série escolar, a distribuição é a seguinte: 5º ano (20 alunos), 6º ano (25 alunos), 7º ano (35 alunos), 8º ano (28 alunos) e 9º ano (30 alunos). Essa variação permite analisar diferenças no comportamento financeiro e no conhecimento sobre Educação Financeira ao longo do ciclo de desenvolvimento do Ensino Fundamental II.

Em relação à estrutura familiar, a maioria dos alunos (110) reside com ambos os pais, enquanto 7 moram apenas com o pai, 14 apenas com a mãe e 7 com outros responsáveis. A composição familiar é um fator relevante, pois, segundo estudos prévios, a presença e o envolvimento dos responsáveis no acompanhamento do orçamento doméstico influenciam significativamente os hábitos financeiros dos jovens (Soder, Carvalho, 2022).

Quanto ao recebimento de mesada ou valor fixo, 45 alunos afirmaram receber regularmente uma quantia, enquanto 93 não recebem. Essa variável é importante para compreender a relação dos estudantes com o dinheiro, pois aqueles que recebem mesada tendem a apresentar maior prática de poupança e experimentação de decisões financeiras, ainda que de forma limitada (Coladeli *et al.*, 2014).

**Tabela 3.1 – Perfil Sociodemográfico dos Alunos (N=138).**

<b>Variável</b>	<b>Opções</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Idade</b>	11 anos	20	14,5%
	12 anos	35	25,4%
	13 anos	35	25,4%
	14 anos	28	20,3%
	15 anos	20	14,5%
<b>Sexo</b>	Feminino	76	55%
	Masculino	62	45%
<b>Série</b>	5º ano	20	14,5%
	6º ano	25	18,1%
	7º ano	35	25,4%
	8º ano	28	20,3%
	9º ano	30	21,7%
<b>Mora com</b>	Pai e mãe	110	79,7%
	Apenas pai	7	5%
	Apenas mãe	14	10,1%
	Outros	7	5%
<b>Recebe mesada?</b>	Sim	45	32,6%
	Não	93	67,4%

**Fonte:** Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

A análise do perfil sociodemográfico dos 138 alunos do Colégio Objetivo revela características importantes que contribuem para a compreensão do comportamento financeiro no Ensino Fundamental II. A predominância de alunas do sexo feminino (55%) em relação aos alunos do sexo masculino (45%) permite levantar hipóteses sobre possíveis diferenças na percepção do dinheiro e nas práticas de consumo, uma vez que estudos anteriores indicam que meninas tendem a demonstrar maior preocupação com planejamento e economia, enquanto meninos podem apresentar maior propensão a gastos impulsivos (Silva *et al.*, 2018).

A variação de idade entre 11 e 15 anos é significativa, pois abrange um período de transição entre a infância e a adolescência, quando os estudantes começam a exercer maior autonomia e responsabilidade em relação às decisões financeiras. Conforme Carrara (2017), é nesse estágio que os jovens começam a experimentar conceitos de poupança, orçamento e prioridades de consumo, ainda que de forma inicial ou limitada. A diversidade etária na amostra permite observar como a maturidade cognitiva e emocional influencia a capacidade de planejar gastos, lidar com a mesada e adiar a gratificação, fatores essenciais para o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis.

A distribuição por séries escolares evidencia que os alunos do 5º ao 9º ano estão em diferentes níveis de desenvolvimento de autonomia financeira. Alunos

mais novos (5º e 6º ano) tendem a depender mais da orientação dos pais e a apresentar menor conhecimento sobre Educação Financeira, enquanto alunos mais velhos (8º e 9º ano) já começam a exercer escolhas mais independentes, embora ainda influenciados pelo grupo de pares e pela publicidade (Soder, Carvalho, 2022).

A composição familiar apresenta forte predominância de alunos que residem com ambos os pais (79,7%), o que sugere um ambiente potencialmente favorável à transmissão de valores e hábitos financeiros, especialmente relacionados à poupança, planejamento e consumo consciente. Entretanto, a presença de alunos que vivem apenas com um dos responsáveis ou com outros familiares indica que nem todos possuem o mesmo nível de supervisão ou acompanhamento no aprendizado financeiro, reforçando a necessidade da escola como mediadora desse conhecimento (Coladeli *et al.*, 2014).

O fato de apenas 32,6% dos alunos receberem mesada mostra que a maior parte ainda depende do controle familiar para acesso ao dinheiro, limitando as oportunidades de experimentação prática com orçamento, planejamento e decisões de consumo. A mesada, quando orientada, funciona como uma ferramenta pedagógica para a construção de hábitos financeiros positivos, permitindo que os jovens experimentem a administração de recursos e compreendam a relação entre gasto e objetivo (Lelis Silva *et al.*, 2021).

A análise dos hábitos de consumo dos alunos do Ensino Fundamental II revela padrões que dialogam diretamente com estudos anteriores sobre comportamento financeiro juvenil. Observa-se que a forma como os estudantes administram o dinheiro evidencia uma combinação entre impulsividade e responsabilidade, traço característico dessa faixa etária, conforme discutido por Vieira *et al.* (2011) e Coladeli *et al.* (2014).

Os dados da pesquisa mostram que 80% dos alunos afirmam guardar uma parte do dinheiro recebido e utilizar a outra parte para gastos imediatos, enquanto 20% relatam gastar todo o valor de uma só vez. Embora haja uma inclinação natural ao consumo imediato, fenômeno comum entre adolescentes, como aponta Silva *et al.* (2018), percebe-se também um movimento inicial em direção à prática da poupança, ainda que sem sistematização ou planejamento estruturado.

**Gráfico 1 - Atitude ao Receber Dinheiro (N=138).**



**Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).**

Quando se analisa o comportamento relacionado ao planejamento financeiro, nota-se que apenas 15% dos estudantes planejam seus gastos de forma constante, 55% realizam esse planejamento apenas às vezes e 30% raramente o fazem. Esses percentuais reforçam a percepção de Quintana e Pacheco (2018) de que, embora o acesso às informações sobre consumo consciente esteja mais presente no cotidiano dos jovens, a internalização de práticas de controle financeiro ainda é incipiente. Essa dificuldade pode estar relacionada à forte influência da cultura consumista contemporânea, caracterizada pelo desejo de satisfação imediata e pela rápida obsolescência dos bens, como apontam Soder e Carvalho (2022). Dessa forma, mesmo que exista a intenção de poupar, tal comportamento tende a ser ocasional e condicionado a fatores externos, como a orientação familiar ou a ausência de oportunidades imediatas de gasto.

A pesquisa evidenciou que 50% dos alunos já ouviram falar do assunto, o que demonstra uma presença crescente da EF tanto no ambiente escolar quanto no familiar. No que se refere às fontes de aprendizado, 70% afirmam aprender sobre dinheiro e consumo dentro de casa, 20% mencionam a escola como local de aquisição desses conhecimentos e 10% relatam aprender por meio dos amigos. A predominância do núcleo familiar como principal referência reforça o argumento de Soder e Carvalho (2022) e Brønstrup e Becker (2016), que destacam o papel central da família no processo de socialização financeira das crianças e adolescentes.

Apesar disso, a escola ainda aparece com um percentual inferior ao esperado, especialmente diante da ampliação das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relacionadas à temática da Educação Financeira, conforme discutido por Janisch e Jelinek (2020). Esse cenário revela uma oportunidade significativa para que o ambiente escolar assuma papel mais ativo na formação financeira dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de competências como elaboração de orçamento pessoal, compreensão da diferença entre necessidade e desejo, práticas de poupança e adoção de um consumo mais consciente, conforme recomenda Carrara (2017).

**Quadro 2 – Análise do conhecimento e relação de consumo.**

<b>Categoria de Análise</b>	<b>Principais Constatações (Resultados)</b>	<b>Impacto no Comportamento</b>
Diferenciação Necessidade vs. Desejo	Elevada dificuldade em distinguir itens essenciais de supérfluos.	Consumo impulsivo baseado em gratificação imediata.
Conceitos de Planejamento	Desconhecimento de ferramentas básicas (poupança, orçamento, juros).	Ausência de hábitos de reserva financeira ou metas a longo prazo.
Influência Social/ Mídia	Forte pressão de grupos de pares e do marketing digital/redes sociais.	Decisões de compra norteadas por "status" e pertença ao grupo.
Origem do Dinheiro	Percepção limitada sobre o esforço laboral para a geração de renda familiar.	Baixa valorização do recurso financeiro e desperdício.

<b>Categoria de Análise</b>	<b>Principais Constações (Resultados)</b>	<b>Impacto no Comportamento</b>
Educação Financeira Escolar	Reconhecimento da escola como espaço necessário para este debate.	Abertura para metodologias ativas e projetos de intervenção.

**Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).**

A análise dos resultados obtidos permite compreender com maior clareza como os alunos do Ensino Fundamental II constroem seus hábitos financeiros e de consumo, reforçando conclusões de pesquisas anteriores sobre o comportamento econômico de crianças e adolescentes. Os dados revelam que a maioria dos estudantes apresenta práticas financeiras ainda incipientes, marcadas pelo predomínio do consumo imediato e pela ausência de planejamento consistente, elementos também observados por Vieira *et al.* (2011) Essa tendência é reforçada pelo fato de grande parte das despesas estarem concentradas em itens de baixo valor, como lanches e pequenos produtos, o que demonstra a busca por gratificações rápidas, característica amplamente discutida por Silva *et al.* (2018) e Quintana e Pacheco (2018), que relacionam esse comportamento à influência direta do ambiente social e da publicidade.

O papel da família aparece de forma evidente como a principal fonte de aprendizado financeiro dos estudantes, em consonância com Soder e Carvalho (2022) e Brönstrup e Becker (2016). Essa centralidade evidencia que as práticas domésticas, como a concessão ou não de mesada, orientações sobre gastos e observação do comportamento dos adultos, moldam de maneira significativa a relação dos jovens com o dinheiro. No entanto, embora a família exerça grande influência, os resultados mostram que muitos estudantes desejam expandir esse aprendizado para além do contexto doméstico, demonstrando abertura para que a escola se torne um espaço de formação financeira mais sistemática e reflexiva.

A educação financeira não deve ser vista apenas como um conjunto de fórmulas matemáticas, mas como uma ferramenta de transformação social que “auxilia o indivíduo a planejar sua vida financeira e a tomar decisões que não comprometam seu futuro” (Brönstrup, Becker, 2016, p. 25).

O interesse manifestado pelos alunos em aprender mais sobre Educação Financeira reforça a pertinência da inserção curricular desse tema no Ensino Fundamental, alinhando-se às orientações contemporâneas da BNCC e às discussões de Janisch e Jelinek (2020). Esse interesse representa um ponto estratégico para a ação pedagógica, já que o engajamento espontâneo dos estudantes facilita a compreensão de conceitos como poupança, orçamento pessoal, consumo consciente e tomada de decisão. Dessa forma, a escola não apenas complementa o que é aprendido em casa, mas também atua como agente democratizador do acesso ao conhecimento financeiro, reduzindo desigualdades relacionadas à formação econômica familiar.

Um outro aspecto que merece destaque é a prática de poupança observada entre os alunos, que, embora presente, revela-se pouco planejada. A decisão de

guardar dinheiro, geralmente direcionada para a compra de objetos de maior valor, demonstra algum nível de organização financeira, mas não necessariamente reflete uma compreensão profunda dos benefícios de um planejamento contínuo. Essa constatação vai ao encontro do que Coladeli *et al.* (2014) defendem a importância de metodologias pedagógicas mais ativas e práticas, como jogos de finanças, simulações de mercado e projetos de gestão de orçamento, que contribuam para transformar atitudes esporádicas de poupança em hábitos consolidados.

Contudo, observa-se que fatores emocionais e sociais exercem forte influência sobre as decisões financeiras dos alunos. A pressão do grupo de pares, a necessidade de pertencimento e a exposição constante a estímulos de consumo, especialmente por meio das redes sociais, reforçam comportamentos impulsivos e dificultam o desenvolvimento da autonomia financeira. Essa dinâmica reforça a importância de que programas de Educação Financeira abordem não apenas aspectos técnicos, mas também aspectos comportamentais, como autocontrole, adiamento da gratificação e análise crítica das estratégias de marketing.

A escola, nesse contexto, se posiciona como um espaço privilegiado para promover o desenvolvimento de competências financeiras que impactem positivamente sua vida presente e futura. Dessa forma, a consolidação de ações pedagógicas contínuas e bem estruturadas pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, preparados e capazes de tomar decisões financeiras responsáveis a longo prazo.

## DA TEORIA À PRÁTICA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E AS PERSPECTIVAS PARA O CONSUMO CONSCIENTE

A educação financeira, quando tratada exclusivamente como um conjunto de conceitos teóricos, tende a apresentar resultados limitados no que diz respeito à mudança de comportamento dos estudantes. Para que cumpra efetivamente sua função social e educativa, é indispensável que os conteúdos abordados sejam relacionados às experiências cotidianas dos alunos, permitindo que o conhecimento construído em sala de aula se converta em atitudes práticas, conscientes e responsáveis diante do uso do dinheiro.

A proposta de intervenção pedagógica desenvolvida neste estudo fundamenta-se na compreensão de que o comportamento financeiro não é inato, mas construído socialmente ao longo da vida. Fatores como contexto familiar, influência da mídia, condições socioeconômicas e práticas educativas exercem impacto direto sobre a forma como crianças e adolescentes lidam com o consumo e com o dinheiro, conforme apontam Cordeiro, Costa e Silva (2018).

Nesse cenário, a escola assume papel estratégico ao oferecer um espaço sistematizado de reflexão crítica sobre o consumo. Brønstrup e Becker (2016) destacam que práticas pedagógicas estruturadas no ensino fundamental possibilitam o desenvolvimento da autonomia financeira dos estudantes, sobretudo

quando associadas à vivência de situações reais que dialogam com sua faixa etária e realidade social.

A intervenção pedagógica proposta teve como ponto de partida um diagnóstico prévio realizado com alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental. Esse levantamento buscou identificar o nível de conhecimento dos estudantes sobre finanças pessoais, seus hábitos de consumo e sua percepção sobre o uso do dinheiro no cotidiano, permitindo a construção de ações pedagógicas alinhadas às necessidades observadas.

Um dos eixos centrais trabalhados durante a intervenção foi a diferenciação entre consumo e consumismo. O consumo é entendido como uma prática necessária à sobrevivência e à qualidade de vida, enquanto o consumismo se caracteriza pelo excesso, pela compra desnecessária e pela busca constante por satisfação imediata, muitas vezes estimulada por pressões sociais e publicitárias (Carrara, 2017).

Compreender essa distinção mostrou-se fundamental para que os alunos passassem a refletir criticamente sobre seus próprios comportamentos. Conforme aponta Dantas (2017), quando o estudante reconhece a diferença entre necessidade e desejo, torna-se mais capaz de realizar escolhas conscientes, evitando práticas de consumo impulsivo que podem comprometer sua estabilidade financeira futura.

Ademais, um outro conceito essencial abordado na proposta pedagógica foi a distinção entre os termos “endividado” e “inadimplente”, frequentemente confundidos no senso comum. O indivíduo endividado é aquele que possui compromissos financeiros assumidos, porém mantém seus pagamentos em dia, enquanto o inadimplente é aquele que não consegue cumprir suas obrigações financeiras nos prazos estabelecidos (Hofmann, Moro, 2012).

Trabalhar essa diferenciação contribui para uma compreensão mais realista do crédito e de suas implicações. Saraiva (2017) ressalta que a educação financeira permite desmistificar o uso do crédito, apresentando-o como um recurso que pode ser utilizado de forma planejada, evitando situações de inadimplência e exclusão social. Ao discutir esses conceitos em sala de aula, os estudantes passam a compreender melhor o funcionamento do sistema financeiro e as consequências do uso inadequado do dinheiro. Coladeli, De Benedictis e De Lames (2014) destacam que a ausência de conhecimento financeiro está diretamente relacionada a comportamentos impulsivos e desequilíbrios no consumo.

Atividades práticas envolvendo simulações de orçamento pessoal e familiar permitiram que os alunos compreendessem a importância de organizar receitas, despesas fixas, despesas variáveis e poupança. Vieira, Bataglia e Sereia (2011) apontam que a falta de planejamento financeiro está entre os principais fatores associados ao endividamento precoce. Dessa forma, ao introduzir essas noções ainda na educação básica, a escola atua de forma preventiva, preparando os alunos para lidar de maneira responsável com suas finanças na vida adulta.

A educação financeira, nesse contexto, não deve ser confundida apenas com a Matemática Financeira, embora dialogue diretamente com ela. Hofmann e

Moro (2012) explicam que a integração entre educação matemática e educação financeira amplia as possibilidades de aprendizagem, conferindo significado prático aos conteúdos matemáticos tradicionalmente trabalhados em sala de aula.

Da Silva e Powell (2013) reforçam que programas de educação financeira eficazes na educação básica devem articular conceitos matemáticos a situações reais de tomada de decisão, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia dos estudantes. A intervenção pedagógica deve utilizar metodologias ativas, como jogos educativos, estudos de caso, debates orientados e dinâmicas em grupo. Essas estratégias favoreceram a participação dos alunos, estimularam o interesse pelo tema e facilitaram a compreensão de conteúdos complexos relacionados ao consumo e às finanças pessoais (Lelis Silva *et al.*, 2021).

Silva *et al.* (2018) demonstram que estudantes que participam de atividades práticas de educação financeira apresentam mudanças positivas em seus hábitos de consumo, passando a refletir com mais cuidado antes de realizar compras e a valorizar o planejamento financeiro. Outro aspecto relevante que deve ser abordado trata-se da influência da mídia e da publicidade sobre o comportamento do consumidor.

Soder e Carvalho (2022) destacam que compreender os mecanismos do marketing é fundamental para que o consumidor desenvolva autonomia e não seja facilmente influenciado por mensagens que incentivam o consumismo e a gratificação imediata. Deve-se reforçar a importância da educação financeira como conteúdo permanente na grade curricular. A presença contínua do tema contribui para a consolidação de hábitos financeiros saudáveis, diferentemente de ações pontuais que tendem a produzir resultados limitados.

Teixeira (2015) aponta que muitos estudantes demonstram dificuldade em relacionar os conteúdos financeiros aprendidos na escola com situações reais do cotidiano, o que reforça a necessidade de abordagens contextualizadas e interdisciplinares. A inserção da educação financeira de forma transversal permite que o tema seja explorado em diferentes componentes curriculares, ampliando sua relevância e reforçando a compreensão de que o uso do dinheiro está presente em diversas dimensões da vida social.

A prática pedagógica voltada ao consumo consciente contribui diretamente para a formação cidadã dos estudantes. Ao refletirem sobre o impacto social, econômico e ambiental de suas escolhas, os alunos passam a reconhecer sua responsabilidade enquanto consumidores. Carrara (2017) enfatiza que o consumo consciente envolve valores éticos, responsabilidade social e respeito aos limites financeiros, sendo um elemento essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Brønstrup e Becker (2016) ressaltam que quando a família participa das ações educativas, os estudantes tendem a aplicar com maior frequência os conhecimentos adquiridos, consolidando hábitos financeiros mais saudáveis. A educação financeira, nesse contexto, configura-se como uma importante ferramenta de prevenção social, contribuindo para a redução do endividamento, da inadimplência e das desigualdades econômicas ao longo do tempo.

Ao formar estudantes mais conscientes e críticos, a escola contribui para o desenvolvimento de cidadãos capazes de tomar decisões responsáveis, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Dessa forma, a proposta de intervenção pedagógica apresentada demonstra que a educação financeira, quando trabalhada de maneira contínua, contextualizada e interdisciplinar, possui elevado potencial transformador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o conhecimento dos alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental sobre educação financeira e compreender de que forma esse conhecimento se reflete em seus hábitos de consumo. A investigação partiu do entendimento de que a educação financeira constitui um elemento essencial na formação integral do estudante, especialmente em um contexto social marcado pelo estímulo constante ao consumo e pela facilidade de acesso ao crédito.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que, embora os alunos apresentem contato cotidiano com práticas de consumo, muitos demonstram dificuldades em compreender conceitos básicos relacionados ao uso do dinheiro, como planejamento financeiro, diferenciação entre necessidades e desejos e consequências do consumo impulsivo. Esses achados reforçam a relevância da escola como espaço privilegiado para a construção de saberes financeiros, sobretudo para aqueles estudantes que não recebem esse tipo de orientação no ambiente familiar.

Os resultados evidenciaram que os hábitos de consumo dos estudantes estão fortemente influenciados por fatores externos, como a mídia, a publicidade e o desejo de pertencimento social. Observou-se que, sem orientação adequada, esses estímulos podem levar a comportamentos impulsivos e pouco reflexivos, contribuindo para práticas de consumo excessivo e para a naturalização do endividamento desde cedo. Nesse sentido, a educação financeira mostrou-se fundamental para o desenvolvimento de uma postura mais crítica e consciente frente às escolhas de consumo.

A pesquisa também permitiu compreender que a educação financeira vai além da aprendizagem de conceitos matemáticos ou econômicos. Trata-se de um processo educativo que envolve atitudes, valores e responsabilidades, articulando-se diretamente com a formação cidadã dos estudantes. Ao refletirem sobre consumo consciente, planejamento e impacto social de suas escolhas, os alunos ampliam sua compreensão sobre o papel que exercem na sociedade enquanto consumidores.

A proposta de intervenção pedagógica apresentada demonstrou que metodologias ativas e práticas contextualizadas contribuem significativamente para o engajamento dos alunos e para a internalização dos conteúdos trabalhados. Atividades que simulam situações reais do cotidiano, como elaboração de orçamentos e análise de propagandas, possibilitam que os estudantes atribuam sentido ao aprendizado, favorecendo mudanças concretas em seus comportamentos financeiros.

Outro aspecto relevante identificado ao longo do estudo refere-se à importância da inserção contínua da educação financeira na grade curricular. A abordagem transversal do tema permite que ele seja trabalhado de forma integrada às diferentes áreas do conhecimento, reforçando sua aplicabilidade e relevância para a vida dos alunos. Dessa forma, a educação financeira deixa de ser uma ação pontual e passa a compor um processo formativo permanente.

Destaca-se ainda o papel da escola como agente de transformação social, capaz de formar estudantes mais conscientes, autônomos e responsáveis. Ao promover o diálogo entre escola e família sobre questões financeiras, amplia-se o alcance das ações educativas, fortalecendo a construção de hábitos financeiros saudáveis no cotidiano dos alunos.

Conclui-se, portanto, que a educação financeira no ensino fundamental é uma ferramenta essencial para a formação de cidadãos críticos e preparados para enfrentar os desafios da sociedade de consumo. Embora não seja uma solução imediata para os problemas de endividamento e desequilíbrio financeiro, sua inserção no ambiente escolar representa uma estratégia preventiva e formativa de grande relevância social.

Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para reflexões futuras sobre a importância da educação financeira na educação básica, incentivando novas pesquisas e práticas pedagógicas que fortaleçam o consumo consciente e a responsabilidade financeira desde a infância e adolescência.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Paulo Roberto Santana. Educação financeira: o novo perfil das famílias na administração das finanças pessoais. In: **Encontro De Produção Científica E Tecnológica**, 9., 2014, Campo Mourão. **Anais** [...]. Campo Mourão: UNESPAR, 2014.

BRÖNSTRUP, Tatiéli Monique; BECKER, Kalinca Léia. **Educação financeira nas escolas: estudo de caso de uma escola privada de ensino fundamental no município de Santa Maria (RS)**. CAMINE: Caminhos da Educação, v. 8, n. 2, p. 19-44, 2016.

CARRARA, Antonio Marco Campos. **Educação financeira: praticando o consumo consciente no ensino fundamental**. 2017. Monografia (Especialização) – Curso de Especialização em Educação Matemática, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017.

COLADELI, Viviane Andrea Correa; DE BENEDICTO, Samuel Carvalho; DE LAMES, Edilei Rodrigues. **Educação Financeira x Comportamento do Consumidor no Mercado de Bens e Serviços**. 2014. Disponível em: [Link da fonte, se houver]. Acesso em: 25 fev. 2026.

CORDEIRO, Nilton José Neves; COSTA, Manoel Guto Vasconcelos; DA SILVA, Márcio Nascimento. **Educação Financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica**. Ensino da Matemática em Debate, v. 5, n. 1, p. 69-84, 2018.

DANTAS, Luciana Troca. **Educação financeira e consumo consciente: tarefas didáticas nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

JANISCH, L. S. J.; JELINEK, K. R. Educação Financeira na BNCC: uma análise das competências e habilidades no Ensino Fundamental. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 11, n. 6, p. 115-134, 2020.

LELIS Silva, A.; Meneghetti Neto, *et al.* **Discussões sobre educação financeira e comportamento financeiro em jovens**. [Referenciado em dissertação acadêmica — Universidade Federal de Sergipe]. 2021

MARQUES, A. C. *et al.* **A autonomia financeira nos anos finais do ensino fundamental: um estudo no estado de São Paulo**. Cadernos de Educação Básica, v. 10, n. 1, p. 45-62, 2025.

QUINTANA, A. C.; PACHECO, A. S. V. A educação financeira como instrumento de cidadania: um estudo com alunos da rede pública. **Revista Eletrônica de Gestão e Tecnologias**, v. 6, n. 2, p. 88-105, 2018.

QUINTANA, A. C. & PACHECO, K. V. **Percepção dos estudantes do ensino fundamental sobre a educação financeira e o consumo consciente**. Educação On-Line, 13(27), 130–150. 2018.

HOFMANN, Ruth Margareth; MORO, Maria Lucia Faria. **Educação matemática e educação financeira: perspectivas para a ENEF**. Zetetiké, v. 20, n. 2, p. 37-54, 2012.

SCOLARI, L. C.; Grando, N. I. (2016). **Educação financeira: uma proposta desenvolvida no ensino fundamental**. Educação Matemática Pesquisa, 18(2) .

SARAIVA, Karla Schuck. Os sujeitos endividados e a Educação Financeira. **Educar em Revista**, n. 66, p. 157-173, 2017.

SILVA, Carolina Lelis *et al.* **Educação financeira e o comportamento do consumidor: um estudo com jovens de Ituiutaba/MG**. 2018. [Indicar se é artigo ou trabalho de conclusão], 2018.

SILVA, G. O., SILVA, A. C. M., VIEIRA, P. R. C., NEVES, M. B. E., & DESIDERATI, M. C. D. Alfabetização Financeira Versus Educação Financeira: Um Estudo do Comportamento de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, 7(3), 279–298. 2017.

SODER, Caren; CARVALHO, James Fagundes. Educação financeira no comportamento do consumidor. **Revista De Administração Dom Alberto**, v. 8, n. 1, p. 99-122, 2022.

TEIXEIRA, James. Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre educação financeira e Matemática Financeira. 2015. 160 f. **Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, 2015.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amancio; BATAGLIA, Regiane Tardiolle Manfre; SEREIA, Vanderlei José. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.